

Caderno de Leituras n.124

**Utopias mapuche
não binárias para
um presente
*epupillan***

Comunidade Catrileo+Carrión

Tradução

Bru Pereira e Lucas Maciel

Nota da editora

Este caderno foi sugerido pelos tradutores Bru Pereira e Lucas Maciel, a quem gostaríamos de agradecer, bem como a toda comunidade Catrileo+Carrión por ter autorizado esta publicação. O texto em espanhol foi publicado em 9 de novembro de 2020, na revista *Terremoto*, e está disponível em: <https://terremoto.mx/revista/utopias-epupillan-para-el-presente>. Como atestam este e outros números já publicados, esta coleção reúne também textos sobre práticas não opressivas e não binárias, envolvidas com a invenção de outras formas de vida: um modo de ativar a imaginação política e abrir portas por onde sopra um futuro para além do imediatamente visível.

Passamos muitas horas de nosso tempo perguntando entre nosso povo sobre nossas ancestrais mapuche não heterossexuais, passamos dias procurando em bibliotecas e arquivos por algum vestígio daquelas que nos precederam. Parece que, quanto mais procuramos, menos encontramos. O tempo linear joga conosco um jogo caprichoso. O pouco que sabemos foi escrito por homens brancos que não compreendem essas experiências para além de uma noção heteronormativa; gênero foi uma imposição colonial que persistiu. Foi preciso erradicar outras formas mais complexas de ser que não se encaixam em nossa ideia contemporânea de identidade de gênero e que também não se conformam à moral cristã. Acontece que essas experiências, corpos e práticas ameaçam uma matriz colonial que buscava corrigir e endireitar aqueles que se moviam em outras coordenadas que não fossem as do pensamento binário. Essas práticas de nossas ancestrais não permaneceram nos arquivos ou anais da história.

Em algumas passagens, descreveram nossas ancestrais como seres abomináveis, vinculando desajeitadamente suas experiências ao diabo e à feitiçaria. Pouco sabemos sobre elas: algumas tinham um papel político-espiritual, eram machi weye. Seres com capacidade e conhecimentos que não eram compreendidos pelos brancos (*winka*), e, de modo ainda mais devastador, seres que tampouco hoje são totalmente compreendidos por uma sociedade conservadora mapuche contemporânea que reluta em abrir sensivelmente seu entendimento.



[...] Os *machi weye* travaram uma guerra espiritual contra os espanhóis. Eles favoreciam os espíritos dos guerreiros *mapuche* e os espíritos dos *machi* (guerreiros espirituais), que continuaram a lutar contra as almas dos espanhóis no céu, usando armas como raios, trovões e erupções vulcânicas (Rosales 1989: 155-161). Com maldições, os *machi weye* sopraram a fumaça do tabaco em direção ao território inimigo. Eles adivinhavam a localização dos espanhóis e determinavam os resultados das batalhas fazendo magia em recipientes com água (Rosales 1989: 135). Eles invocavam a lua, o sol e os planetas em suas adivinhações militares, a fim de obter poder para curar os feridos e vingar-se dos inimigos (Ercilla 1933: 45, 147; Oña 1975: 15, 21). Os *machi weye* aconselhavam sistematicamente os chefes *reche* a fim de

eliminar os espanhóis (Rosales 1989: 384) [...] também usavam palavras como armas.¹

Gostaríamos de ter em mente essa guerra espiritual, usar as palavras como armas diferentes: para a cura da nossa história apagada, invocando as memórias de nossas ancestrais ao século XXI. Essa é a nossa tarefa, esse é o nosso remédio. Disseram-nos até cansar: putes, pecadorus nefastes, sodomitas. Como palavras que carregam conotações negativas, tentando liquidar o potencial de transformação e resistência de quem exerceu as práticas de *machi weye*. Mas também hoje nos dizem que não existimos, que os nomes que recuperamos junto com nosso *kimün* (conhecimento) não são válidos.²

Durante muitos séculos essa perseguição a nossas ancestrais foi brutal, existem cartas coloniais e crônicas que a descrevem, passagens “indecentes” que a história dos *winka* procurou exterminar. Segundo elas, toda pessoa que cometia o pecado de sodomia deveria ser procurada, capturada e queimada na fogueira, privando-se do direito de ser sepultada. Era preciso corrigir, endireitar e canalizar em uma linha reta de progresso e civilização tudo o que questionasse os valores da evangelização.

Essas histórias brutais têm sido pouco contadas no presente. Um lado B que mesmo as Mapuche mais conservadoras não querem

1 Ana Bacigalupo, “La lucha por la masculinidad del Machi: políticas coloniales de género, sexualidad y poder en el sur de Chile” em *Revista de Historia Indígena* n. 6, 2002, p. 29-65. Disponível em: <https://revistas.uchile.cl/index.php/RHI/article/view/40145/41707>

2 Estamos conscientes de que falar disso pode resultar em uma grande transgressão para uma tradição que parece ser inquestionável e rígida. Mas não aceitamos que a tradição seja assegurada pela heteronormatividade como única opção fundamentada no argumento da dualidade.

reconhecer. Mesmo assim, persistimos em nossa busca por nossas ancestrais não heterossexuais. Queremos encontrar seus nomes mortos, suas fotos ou qualquer outra pista que nos permita ativar nossa imaginação política. Essa é a motivação que nos leva a escrever este texto, ansiamos por devolvê-les à terra, para realizar cerimônias que, como as ondas tocando a areia, possam dissolver o sólido em uma massa que devém oceano Pacífico, marés que vão e vêm, correntes de dor, esquecimento e também de memórias de resistência e solidariedade. Porque parte do “castigo” que sofriam as acusadas de sodomia era que suas cinzas fossem jogadas ao vento para que nunca pudessem descansar, para que nunca voltassem à terra.

Neste contexto de invisibilidade, perseguição, dor e apagamento, emerge uma possibilidade que tecemos como comunidade e que recuperamos da experiência situada no Arquipélago de Chiloé: *epupillan*. Abraçamos a palavra *epupillan* porque pudemos conhecê-la de outras pessoas mapuche-williche que compartilharam suas experiências, memórias, seus modos de compreender e respeitar todas as formas de vida existentes.³ *Epupillan* significa dois espíritos,⁴ mas tem uma

6

3 Essas experiências situadas *epupillan* foram compartilhadas por Willy Morales, Sonia Catepillan e Ruth Antupichun. E mais tarde desenvolvidas extensivamente por Antonio Calibán Catrileo em seu livro de ensaios *Awkan epupillan mew. Dos espíritus en divergencia*. Santiago: Pehuén Editores, 2019.

4 Existem outras palavras que também descrevem nossas experiências que vêm de outros territórios mapuche, nesse sentido sentimos profunda empatia com as experiências *epupüllü* que pudemos conhecer por meio da história de Carmen Zapata Lancucheo, que, no podcast *Origi-ke?*, nos conta que em sua comunidade localizada em Didaico aqueles que não se definem como heterossexuais, mas também não possuem identidade lgbtiq+, são chamados assim. Por outro lado, Aliwen (curador, crítico de arte e escritor) também tornou visíveis as experiências *epupüllü* que vêm do território mapuche-williche de Panguipulli, com

peculiaridade: *pillan* é um espírito que é mais que humano, é incommensurável. Dá-nos sinais para nos conectarmos com o *itrofilmongen* (biodiversidade), para compreender a vida descentrada da humanidade, permitindo-nos transitar não apenas entre o que é conhecido como feminino ou masculino, mas pensar em toda vida animada e inanimada como intimamente ligada pelo mesmo fluxo de matéria ou mapu, “que está em tudo”.⁵ Adriana Paredes Pinda, refletindo sobre a condição de parriache, em diálogo com a potência *epupillan*, aponta:

[...] assim nos encontramos como “parriache”, aqueles que não somos paradigma de raça, que não somos protótipos de purismos ou essencialismos intocados pela história e pelo colonialismo, aqueles que nos reconhecemos como awinkaos, colonizados e colonizadas, essas que vivemos de lutar contra o desprezo como arte, transformando-o em tecido. Dessas maternidades somos? Somos desses “vestígios” ressurgentes e gagos e silenciosos... sempre à procura de um território onde assentar nossa loucura, os delírios poéticos e políticos da nossa transgressão, porque como dizem as papay: “Os champurria, esses são os piores, água com farinha, nem uma coisa nem outra ...”.⁶

7

quem tivemos a oportunidade de travar diálogos e alianças durante o Círculo de Estudos “Descentrar lo Humano” que realizamos entre junho-julho de 2020, em Tlaxcala 3 junto com o Global Center for Advanced Studies Latinoamérica.

5 Juan Ñanculef, *Tayñ Mapuche Kimün. Epistemología Mapuche*. Santiago: Universidad de Chile, 2016.

6 Adriana Paredes Pinda. In: Antonio Calibán Catrileo, *Awkan epupillan mew. Dos espíritus en divergencia*. Santiago: Pehuén Editores, 2019, p. 11.

Nessas palavras da *machi* Pinda estão tecidas nossas memórias, nossas histórias de migração, nosso anseio de que, ao nos nomearmos *epupillan*, construamos um espaço seguro para outros dissidentes sexuais-afetivos. Queremos invocar essa força milenar, autoeducar-nos reciprocamente para fortalecermo-nos nessas experiências que não estão arquivadas pelas instituições coloniais.

Nossa Comunidade Catrileo+Carrión é formada por pessoas não heterossexuais que não vão se reproduzir. Nossas linhagens foram interrompidas em nossa decisão de buscar outros modos de viver. Nós nos imaginamos politicamente como um arquipélago onde cabem infinitas possibilidades de ser, essa dádiva nos foi dada por aqueles que compartilharam conosco esse conhecimento situado chamado *epupillan*. Em nós existe uma força ao mesmo tempo criativa e destrutiva, e nessa exploração vital compreendemos muitas sensações e memórias de um dano que nos foi transmitido como parte de um legado colonial e patriarcal, e que nos faz questionar: qual será o destino de uma comunidade mapuche *epupillan* como a nossa, se não vamos nos reproduzir? Como podemos contribuir para os processos de auto-determinação política indígena a partir dessa posição? Os territórios autônomos que um dia teremos como povos indígenas serão ordenados pela heterossexualidade compulsória? Algum desses projetos intelectuais ou políticos nos inclui ou centraliza nossas vozes párias?

Tornamos a pensar o destino daqueles que recusaram a reprodução da vida humana, por terem desejos diversos, por terem vínculos com a comunidade que não se estruturavam pela reprodução sexual, mas pela reciprocidade com forças não humanas, com conhecimentos e práticas específicas que contribuem para a comunidade em geral.

Só podemos imaginar politicamente o tempo ao qual tiveram acesso nossos ancestrais não heterossexuais como um tempo improdutivo, que não só ameaçou o projeto colonial extrativista, defendendo com maldições, causando erupção de vulcões, enviando doenças pela água, mas que também resistiram à formação de novos corpos escravizados, resistiram à reprodução.

Essa mesma estratégia de perseguição está ligada à demonização atribuída ao *Pillan*, aquela força que transborda a humanidade em proporções que estão em outra escala. Es antigues Mapuche chamavam os vulcões de *Pillan*, o que alimentava a ideia de que invocá-lo era sinônimo de fazer um pacto com o Diabo. O devir de corpos indígenas não heterossexuais em corpos sodomitas é marcado pela influência colonial do século xv, quando os interesses do nascente Estado monárquico espanhol se amarra aos interesses da Igreja Católica, ampliando assim a percepção do mal e do pecado da sodomia não apenas a uma questão moral, mas igualmente legal e territorial. O *Pillan* é entendido não apenas como uma ameaça telúrica e ígnea, mas também como um sistema de relacionamento ético que estrutura outras formas de existir.⁷

Esse enlace definirá todas as práticas sexuais não reprodutivas como um ato de sodomia. Desse modo, não só se explica a perseguição aos seres não heterossexuais, mas também a imposição do imperativo da reprodução heterossexual em toda a colônia e que com especial

7 Durante os meses de setembro e outubro de 2020 participamos do Seminário “Outras formas de existir”, ministrado por Adriana Salazar no Museu Muca Roma, Cidade do México. Lá expusemos em uma sessão a nossa crítica *epupillan* para explorar outros modos de relacionamento que olham criticamente para o colonialismo, o patriarcado, o capitalismo e o extrativismo.

dureza será inscrita nos corpos das mulheres até hoje. Não se reproduzir é – nesses termos – prejudicar o Estado e a administração colonial, permitindo invocar, portanto, a legítima defesa da guerra justa contra es sodomitas.

Nós nos perguntamos qual é nosso lugar político como parte de uma constelação de dissidentes ancestrais que margeiam todo o cinturão de fogo do oceano Pacífico. Quais poderiam ser as possíveis alianças, cruzamentos, conexões e experiências compartilhadas. Leonel Lienlaf (1989),⁸ em seu poema “Cántaro roto”, aponta:

Acabou
Este jarro vermelho
se quebrou.
Dormirá na terra
e um dia
outra oleira
o reconstruirá.

10

8 Leonel Lienlaf, *Se ha despertado el ave de mi corazón*. Santiago: Universitaria, 1989.



Comunidade Catrileo+Carrión, *Pillan*, da série *Inhumanidades, Icalma, Pewenmapu*, 2019. Fotografia em preto e branco com filme vencido Zenit 11. Ação realizada no âmbito da *Entün Fey Azkin* com curadoria de Gonzalo Castro-Colimil. Acervo de fotografia Comunidade Catrileo+Carrión.

11

A resposta que podemos formular para essa pergunta, essa interpretação a partir de uma experiência situada *epupillan*, é traçar imaginativamente uma história que, ao se conectar com o fluxo de magma, se conecta com a rede telúrico-geológica terrestre do cinturão de fogo. Aqui, o tamanho da imaginação se perde no vasto oceano Pacífico e se funde com o ardor da lava fluindo líquida por debaixo das placas. Encontramos peças de um artefato desconhecido, que compartilha semelhanças com o jarro vermelho que Leonel Lienlaf torna presente; mas que em seu encontro catastrófico com o *Pillan* se faz pó, o que torna impossível para nós tornar a compô-lo. Dá-nos assim uma tranquilidade particular: a possibilidade de derreter o barro, derreter a rocha, derreter

o jarro nas mandíbulas “demoníacas” do *Pillan* para nos integrarmos na lógica líquida do fluxo magmático, conectando-nos à não humanidade num duplo sentido: tocar com entusiasmo a vida não humana que nos excede e nos compõe, mas também confrontar a desumanização que historicamente se impôs às nossas experiências e comunidades desviantes. Também queremos ser categóricas ao diferenciar processos de desumanização de processos não humanos. A desumanização é um mecanismo colonial para manter a supremacia branca ou mestiça. É contra essa hegemonia que decidimos nos nomear *epupillan*, com o objetivo de explorar os limites e territórios da não humanidade, encontrando esboços e fragmentos de um passado *epupillan* erradicado. Assim como um terremoto deixa um sulco em um vale ou um desabamento rochoso, o tempo *epupillan* se desenha pelo impacto de sua ausência, em seu silêncio desenhado como névoa em nossas memórias.

12

Este é um gesto de especulação utópica *epupillan*. Como ler a história para além dos acontecimentos narrados por cronistas e historiadores *winka*? Na ausência de um arquivo sobre nossas ancestrais, propomos ler os eventos vulcânicos como momentos de caos, de suspensão das normas coloniais. Tornamos possível nossa estratégia de invocação e sobrevivência daquelas memórias de nossas ancestrais por meio da imaginação política, olhando a história mapuche com olhos *epupillan*, um olhar desviado que suspeita da história oficial que nos omitiu.

A força geológica do *Pillan*, reunindo explosão, fogo, lava, tremor e fumaça num rearranjo criador/destrutivo de tudo aquilo que experimenta o seu despertar, interrompe as lógicas coloniais, da mesma forma que como seres *epupillan* impedimos o avanço da maquinaria heteropatriarcal. O vulcão/*Pillan* em erupção convoca uma desordem da matéria que não é apenas centrípeta, mas também magnética, comunicando-se com

os fluxos plasmáticos atmosféricos, numa coreografia gravitacional que inclui estrelas, marés, luas, planetas e corpos celestes cujas trajetórias dialogam com as nossas a partir de suas forças fundamentais; diálogos e relações dos quais também queremos fazer parte.



Comunidade Catrileo+Carrión., *Do dano do pacto à potência do pillan*, 2020. Colagem digital a partir de arquivos coloniais e prospectivas cartográficas. Imagem cortesia da Comunidade C+C.

Durante a história geológica vulcânica no território mapuche, ocorreram várias erupções conjuntas, em que emerge essa potência *epu-pillan*: em 1640, 1750 e 1765 os vulcões Rukapillan, Ketrupillan, Lanin e Mocho Chozwenko entraram em erupção juntos, enquanto

para a história humana estavam Mapuche e espanhóis em guerra. O tempo dos vulcões nos faz pensar no tempo *epupillan*, como um tempo que altera as normas sociais reguladas pela colonialidade do gênero e do espírito. Em 1790, o vulcão Llaima entrou em conjunção com os vulcões Rukapillan, Puyewe e Peripillan. No século XXI esses intervalos entre vulcões continuam, sendo o Llaima um dos mais ativos. Uma série de erupções nos últimos tempos ocorreu entre *dois vulcões* quase simultaneamente: Llaima e Chaiten (2008, 2009), os vulcões Planchón e Llaima (2010), os vulcões Puyewe e Hudson (2011), Llaima e Kopawe (2012), Rukapillan e Kalfuko (2015), Chillan Antü e Rukapillan (2016), Planchón e Kopawe (2018). Queremos ensaiar uma utopia *epupillan*, habitando o tempo da montanha, do vulcão, de outres *Pillan*: o que significa a duração da vida humana quando um vulcão tem a idade da terra?

14

Essa perspectiva é utópica não por ser um ideal impossível, universal moderno-colonial improvável de habitar um corpo. É uma utopia *epupillan* hoje em ação, que mantém todes nós integrantes da comunidade deslocalizadas mas conectadas, articulando afeto em cada um dos espaços onde fazemos comunidade. Para nós o futuro está no passado e vice-versa, de modo que nossa utopia dilata o tempo colonial e posiciona nossa potência *epupillan* aqui e agora para poder desviar o fluxo da matéria. Assim como quando um vulcão/*Pillan* entra em erupção e começa um diálogo matérico de transformação crítica com seu entorno, queremos lançar essas palavras como uma cerimônia criadora e destrutiva. Por conhecermos nossas potências em seus múltiplos vetores, abrimos-nos para experimentar e compartilhar nossas reflexões em comunidade, pois elas nos energizam, nos mineralizam e nos mantêm vivos.

Comunidade Catrileo+Carrión,
still do vídeo *Kizungünewün
epupillan/Autodeterminação dois-
espíritos*, 2019. Imagem cortesia
de Comunidade C+C.



Fazemo-nos carinho com a palavra como gesto radical de amor, de celebração da vida que transbordamos. Interessa-nos pensar, sentir, imaginar e criar coletivamente utopias que por ora chamamos de *epupillan*, entendendo essa palavra como uma questão em aberto, em construção, sobre nossas experiências que vão além do binário, como correntes marinhas, como placas tectônicas em movimento, em uma fricção constante que confunde a fronteira entre sólido/líquido/gás.

Ao invocar o vulcão/*Pillan*, convocamos o fluxo de magma que permite a erupção como uma desordem plasmática da matéria. Queremos traçar poéticas que nos permitam imaginar politicamente como seriam essas utopias concretas, como marés de solidariedade planetária com outros seres humanos e não humanos, com as quais, nessas águas, invocaremos nossos ancestrais que foram queimados na fogueira ou jogados no mar.⁹ Este é um convite a uma revolução que vai além do pensamento binário, além da afiliação patriarcal.

⁹ Sonia Catepillan relata que no Arquipélago de Chiloé havia pessoas *epupillan* que eram respeitadas, mas na época da ditadura de Carlos Ibañez del Campo (1927-1931) foram duramente perseguidas e atiradas ao mar. Depois desse desaparecimento forçado, deixou-se de falar na esfera pública, o que persistiu em uma incômoda omissão no passado-presente.

Quanto podemos aprender com o tempo dos vulcões, das correntes marítimas? Como dialogar com toda a energia não humana que nos transborda, mas que nos conecta com múltiplas experiências de resistência à ordem moderno-colonial?

Esperamos que, por meio desse gesto de reciprocidade medial, possamos afetar também quem nos lê: salpicar esse magma contra o esquecimento corrosivo de não ter história, de não ter genealogia. Estamos aprendendo ao longo do caminho, buscando curar séculos de memórias que não foram escritas, não foram ditas. O colonialismo não venceu nossas memórias *epupillan*, por isso este convite a pensar em nós mesmos como constelações que tramam redes de solidariedade com outres.

Antonio, Alejandro, Constanza, Manuel.

Comunidade Catrileo+Carrión

Caderno de Leituras n.124

Utopias mapuche não binárias para um presente *epupillan*

Utopías mapuche no-binarias para un presente epupillan

Comunidade Catrileo+Carrión

Edição

Luísa Rabello

Tradução

Bru Pereira

Lucas Maciel

Revisão

Andrea Stahel

Projeto gráfico

Rita Davis

Coordenação da coleção

Luísa Rabello e Maria Carolina Fenati

Composto em Georgia e Unb Pro

Edições Chão da Feira

Belo Horizonte, março de 2021

Esta e outras publicações da editora estão
disponíveis em www.chaodafeira.com

Este projeto foi realizado com recursos
da Lei Municipal de Incentivo à Cultura de Belo Horizonte

Realização



Incentivo



CULTURA



Projeto 1094/2020